

DOENÇA RENAL CRÔNICA EM FELINOS: ATUALIZAÇÕES NO DIAGNÓSTICO, TRATAMENTO E PROGNÓSTICO

CHRONIC KIDNEY DISEASE IN FELINES: UPDATES ON DIAGNOSIS, TREATMENT, AND PROGNOSIS

PELLEGRINE, Endrian¹

RESUMO

A Doença Renal Crônica (DRC) em felinos é uma das enfermidades mais relevantes na clínica de pequenos animais, caracterizada pela perda progressiva e irreversível da função renal, afetando diretamente a sobrevivência e a qualidade de vida dos gatos acometidos. Considerada de caráter multifatorial e sistêmico, a doença apresenta sinais clínicos inespecíficos, o que dificulta o diagnóstico precoce e limita a efetividade das condutas terapêuticas. O presente estudo teve como objetivo reunir e discutir as atualizações mais recentes sobre diagnóstico, estratégias terapêuticas e prognóstico da DRC em felinos, a fim de contribuir para a prática clínica veterinária e para a ampliação do conhecimento científico sobre o tema. A metodologia adotada consistiu em uma revisão bibliográfica realizada em bases de dados como Google Acadêmico, SciELO, PubMed e bibliotecas virtuais, incluindo artigos científicos, livros, teses e dissertações. Os resultados evidenciaram avanços na utilização de novos biomarcadores, como a SDMA, maior padronização no estadiamento clínico pela IRIS e diversificação de estratégias terapêuticas, com destaque para dietas específicas e fluidoterapia. Contudo, divergências foram encontradas em relação à eficácia de determinados fármacos, e dificuldades práticas, como o alto custo dos tratamentos e a baixa adesão de tutores, permanecem como limitações. Concluiu-se que, embora a DRC em felinos ainda seja um desafio clínico, os avanços científicos têm possibilitado diagnósticos mais precoces, manejo clínico mais individualizado e prognósticos mais realistas.

Palavras-chave: Doença Renal Crônica; Felinos; Diagnóstico; Tratamento; Prognóstico.

ABSTRACT

Chronic Kidney Disease (CKD) in felines is one of the most relevant conditions in small animal practice, characterized by the progressive and irreversible loss of renal function, directly affecting the survival and quality of life of affected cats. Considered a multifactorial and systemic disease, CKD presents nonspecific clinical signs, which makes early diagnosis difficult and limits the effectiveness of therapeutic approaches. This study aimed to gather and discuss the most recent updates regarding diagnosis, therapeutic strategies, and prognosis of CKD in felines, in order to contribute to veterinary clinical practice and expand scientific knowledge on the subject. The methodology consisted of a bibliographic review carried out in

¹ Graduando do curso de Medicina Veterinária.

databases such as Google Scholar, SciELO, PubMed, and virtual libraries, including scientific articles, books, theses, and dissertations. The results showed advances in the use of new biomarkers, such as SDMA, greater standardization in clinical staging by IRIS, and diversification of therapeutic strategies, with emphasis on specific diets and fluid therapy. However, divergences were found regarding the effectiveness of certain drugs, and practical difficulties, such as the high cost of treatments and low adherence of owners, remain as limitations. It was concluded that although CKD in felines is still a clinical challenge, scientific advances have enabled earlier diagnoses, more individualized clinical management, and more realistic prognoses.

Keywords: Chronic Kidney Disease; Felines; Diagnosis; Treatment; Prognosis.

1 INTRODUÇÃO

A Doença Renal Crônica (DRC) em felinos é considerada uma das enfermidades mais prevalentes na clínica de pequenos animais, destacando-se pelo seu caráter progressivo, irreversível e de difícil manejo clínico. Essa condição patológica compromete de maneira gradual e contínua a função renal, resultando na incapacidade dos rins de manter o equilíbrio homeostático essencial ao organismo. Devido ao envelhecimento populacional dos gatos domésticos, associado a melhores condições de vida, nutrição e acesso aos serviços de saúde veterinária, a incidência da DRC tem aumentado de forma significativa nos últimos anos, consolidando-se como um dos principais motivos de consultas em clínicas especializadas e um desafio para a medicina veterinária contemporânea (CALHAU et al., 2024).

A relevância do tema encontra fundamento no impacto clínico, social e econômico da doença. Do ponto de vista clínico, a DRC é uma das maiores causas de morbidade e mortalidade em felinos, sendo responsável por alterações sistêmicas que afetam diretamente a qualidade de vida dos animais acometidos. No âmbito social, o diagnóstico da enfermidade implica em mudanças na rotina dos tutores, que se veem obrigados a lidar com um tratamento contínuo, de longo prazo e com altos custos financeiros. Esse fator reforça a importância de estudos atualizados que possam orientar a prática veterinária e fornecer informações mais precisas aos responsáveis pelos animais. Assim, compreender os mecanismos de evolução, as formas de diagnóstico, os recursos terapêuticos disponíveis e o prognóstico dos pacientes se apresenta como uma necessidade não apenas científica, mas também ética, dada a estreita relação de afeto estabelecida entre tutores e seus gatos (CARVALHO; PINTO-FERREIRA, 2024).

No entanto, o diagnóstico precoce da DRC ainda constitui uma das principais dificuldades enfrentadas pelos profissionais da área. Os sinais clínicos iniciais, como emagrecimento, perda de apetite, poliúria e polidipsia, são inespecíficos e, frequentemente, atribuídos ao processo natural de envelhecimento. Além disso, métodos laboratoriais tradicionais, como a dosagem de ureia e creatinina sérica, apresentam limitações de sensibilidade, detectando alterações somente em fases mais avançadas da doença. Esse cenário compromete a eficiência do manejo clínico e reduz as possibilidades de prolongar a vida do animal de forma saudável. A ausência de padronização em alguns exames, bem como a falta de acesso a recursos diagnósticos mais avançados, agrava ainda mais o problema, tornando essencial a busca por novas abordagens e ferramentas de monitoramento (MAZUTTI; FERREIRA, 2021).

Em relação ao tratamento, as divergências teóricas encontradas na literatura reforçam a complexidade do tema. Enquanto alguns autores destacam a eficácia de dietas específicas e fluidoterapia como pilares fundamentais para o manejo da DRC, outros defendem o uso de medicamentos antiproteinúricos, antioxidantes e suplementos nutricionais como alternativas capazes de retardar a progressão da doença. A falta de consenso entre especialistas gera insegurança na adoção de protocolos terapêuticos, especialmente em regiões onde o acesso a recursos avançados ainda é limitado. Do mesmo modo, o prognóstico dos pacientes varia amplamente de acordo com o estágio em que a doença é diagnosticada, a resposta individual ao tratamento e o grau de adesão dos tutores às recomendações médicas, configurando um campo de incertezas que demanda investigação contínua (EVANGELISTA, 2023; KUMM; CLEMENTE, 2024).

Diante desse panorama, justifica-se a necessidade de reunir e discutir as atualizações mais recentes sobre a Doença Renal Crônica em felinos, considerando aspectos relacionados ao diagnóstico, ao tratamento e ao prognóstico. Tal esforço se mostra relevante para consolidar práticas baseadas em evidências científicas e oferecer subsídios que possam ser aplicados tanto na rotina clínica quanto no desenvolvimento de novas pesquisas. Nesse sentido, o objetivo do presente artigo é analisar criticamente a literatura atual sobre a DRC em felinos, de modo a identificar os principais avanços, apontar as limitações ainda existentes e propor reflexões que possam contribuir para um manejo clínico mais eficaz, ampliando as possibilidades de sobrevida e qualidade de vida dos animais acometidos pela enfermidade.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Referencial teórico

2.1.1 Fisiopatologia e características gerais da Doença Renal Crônica em felinos

A Doença Renal Crônica (DRC) em felinos é uma enfermidade de evolução lenta, progressiva e irreversível, caracterizada pela perda gradativa da função renal ao longo do tempo. Trata-se de uma condição que compromete diretamente a homeostase do organismo, interferindo na eliminação de resíduos metabólicos, na regulação da pressão arterial, no equilíbrio hidroeletrolítico e na produção de hormônios essenciais, como a eritropoetina. Essa característica multifatorial torna a DRC um problema de grande relevância na medicina veterinária, especialmente pelo fato de acometer com maior frequência animais idosos, sendo uma das principais causas de morbidade e mortalidade nessa população (CALHAU et al., 2024).

Dentro do contexto da presente pesquisa, a fisiopatologia da DRC em gatos é um tema de especial interesse, uma vez que a compreensão de seus mecanismos auxilia na definição de estratégias diagnósticas e terapêuticas mais eficazes. Os rins, ao apresentarem perda funcional, desenvolvem processos compensatórios que incluem hipertrofia glomerular e aumento da pressão intraglomerular, mas essas adaptações acabam promovendo danos adicionais ao tecido renal. Assim, observa-se a instalação de um ciclo progressivo de destruição das estruturas renais, marcado por inflamação, necrose tubular e fibrose intersticial, que reduz gradativamente a capacidade funcional do órgão (EVANGELISTA, 2023).

As definições teóricas destacam que a DRC não deve ser entendida apenas como uma falência isolada dos rins, mas como uma síndrome sistêmica capaz de desencadear repercussões em diferentes órgãos. Autores como Carvalho e Pinto-Ferreira (2024) apontam que as manifestações clínicas variam desde sinais inespecíficos, como anorexia, perda de peso e vômitos, até distúrbios mais severos, como hipertensão arterial, anemia e alterações ósseas decorrentes do hiperparatireoidismo secundário renal. Esse caráter sistêmico reforça a necessidade de uma abordagem clínica multidisciplinar, que considere não apenas os parâmetros renais, mas também os impactos gerais da enfermidade sobre a saúde do paciente.

Apesar desse entendimento consolidado, a literatura apresenta divergências em relação aos mecanismos fisiopatológicos que predominam na progressão da doença. Enquanto Evangelista (2023) enfatiza o papel dos processos inflamatórios e degenerativos associados à fibrose intersticial como determinantes centrais da deterioração renal, Kumm e Clemente (2024) destacam a relevância das alterações hemodinâmicas glomerulares, com ênfase no aumento da pressão intraglomerular, como fator primário de aceleração da DRC. Essa diversidade de interpretações demonstra que, embora exista consenso quanto ao caráter multifatorial da doença, ainda persistem discussões sobre quais processos desempenham papel mais decisivo na evolução clínica dos pacientes.

As críticas às abordagens disponíveis apontam que a maior parte dos estudos sobre fisiopatologia da DRC em felinos baseia-se em extrapolações de modelos experimentais ou de dados de outras espécies, como cães e humanos, o que pode limitar a aplicabilidade direta dos achados. Mazutti e Ferreira (2021) ressaltam que os estudos longitudinais em gatos ainda são escassos, dificultando a compreensão detalhada da cronologia da doença e a definição de marcadores precoces mais sensíveis. Essa limitação metodológica reforça a necessidade de pesquisas específicas que contemplem a diversidade genética, ambiental e clínica da população felina.

Nesse sentido, a discussão sobre a fisiopatologia e as características gerais da DRC conecta-se diretamente à problemática central deste estudo, que busca reunir e analisar as atualizações sobre diagnóstico, tratamento e prognóstico da doença em felinos. A compreensão das bases fisiopatológicas é essencial para sustentar as práticas diagnósticas, orientar condutas terapêuticas e refletir sobre as dificuldades enfrentadas na clínica veterinária, sobretudo diante das incertezas relacionadas à detecção precoce e à padronização de protocolos de manejo (VALENTE; GUERRA, 2024).

2.1.2 Diagnóstico precoce e estadiamento da doença

O diagnóstico precoce da Doença Renal Crônica (DRC) em felinos constitui um dos principais desafios da medicina veterinária, em razão de a enfermidade apresentar caráter insidioso e sinais clínicos iniciais pouco específicos. Entre as manifestações mais comuns estão a poliúria, a polidipsia, a perda de peso e a

diminuição do apetite, sintomas que frequentemente são confundidos com alterações próprias do envelhecimento. A identificação tardia da DRC compromete as possibilidades de intervenção e reduz a eficácia das condutas terapêuticas, tornando indispensável a busca por estratégias diagnósticas mais sensíveis e capazes de detectar a enfermidade em estágios iniciais (CALHAU et al., 2024).

No contexto da prática clínica, os exames bioquímicos de rotina, como a dosagem sérica de ureia e creatinina, ainda são amplamente utilizados para o diagnóstico da DRC em felinos. Embora representem parâmetros fundamentais para a avaliação da função renal, esses marcadores só apresentam alterações significativas quando já houve perda de aproximadamente 75% da taxa de filtração glomerular. Nesse cenário, novas alternativas vêm sendo exploradas, como a utilização da Dimetilarginina Simétrica (SDMA), considerada mais sensível para a detecção precoce da disfunção renal. Estudos demonstram que a SDMA se eleva antes da creatinina, permitindo identificar alterações renais sutis e possibilitando a intervenção em fases mais iniciais da doença (KUMM; CLEMENTE, 2024).

Do ponto de vista teórico, a International Renal Interest Society (IRIS) propôs diretrizes internacionais de estadiamento da DRC em felinos, amplamente aceitas pela comunidade científica e clínica. Esse sistema classifica a doença em quatro estágios, que variam desde casos subclínicos até quadros graves de insuficiência renal, considerando parâmetros como creatinina sérica, SDMA, proteinúria e pressão arterial. O estadiamento não apenas facilita a comunicação entre profissionais e tutores, como também fornece subsídios para a escolha das condutas terapêuticas mais adequadas, permitindo uma abordagem individualizada do paciente (MAZUTTI; FERREIRA, 2021).

Entretanto, apesar dos avanços, ainda há divergências entre os pesquisadores quanto à aplicabilidade e à padronização desses parâmetros. Evangelista (2023) ressalta que a creatinina, por ser influenciada por fatores como massa muscular e estado nutricional, pode subestimar ou superestimar a gravidade da doença em determinados animais. Já Carvalho e Pinto-Ferreira (2024) apontam que, embora a SDMA represente uma inovação importante, sua adoção rotineira ainda é limitada por questões de custo e pela disponibilidade em diferentes regiões, especialmente em clínicas de menor porte. Essa falta de uniformidade reflete a complexidade da prática diagnóstica e demonstra que a detecção precoce da DRC ainda enfrenta barreiras estruturais e econômicas.

As críticas às ferramentas diagnósticas também se estendem aos exames de imagem, como a ultrassonografia, que é frequentemente utilizada para avaliar alterações morfológicas nos rins. Embora esse recurso permita identificar alterações como redução de tamanho, aumento da ecogenicidade e presença de cistos, há questionamentos sobre sua confiabilidade como único método de diagnóstico, já que nem sempre as mudanças estruturais observadas estão diretamente relacionadas à perda funcional significativa. Além disso, a qualidade dos resultados depende da disponibilidade de equipamentos modernos e da capacitação do profissional que realiza a interpretação, fatores que nem sempre estão presentes em todas as realidades clínicas (VALENTE; GUERRA, 2024).

Casos clínicos documentados reforçam a complexidade do diagnóstico e do estadiamento da DRC quando a doença se apresenta associada a comorbidades. Xavier Júnior et al. (2016) descrevem a ocorrência de DRC em um gato positivo para imunodeficiência viral felina e com infecção urinária concomitante, ressaltando como esses fatores adicionais podem interferir nos parâmetros laboratoriais e dificultar a definição precisa do estágio da doença. Essa situação ilustra a importância de uma abordagem diagnóstica abrangente, que não se restrinja a exames isolados, mas que integre dados clínicos, laboratoriais e de imagem.

Dessa forma, observa-se que, embora os avanços no diagnóstico e no estadiamento da DRC em felinos tenham ampliado as possibilidades de intervenção precoce, persistem limitações relacionadas à sensibilidade dos exames, aos custos envolvidos e às dificuldades práticas de implementação nas clínicas veterinárias. Essa realidade conecta-se diretamente à problemática central deste estudo, que busca analisar criticamente as atualizações mais recentes sobre a DRC em felinos, a fim de evidenciar as potencialidades e as lacunas ainda existentes nas práticas diagnósticas disponíveis (CARVALHO; PINTO-FERREIRA, 2024).

2.1.3 Estratégias terapêuticas e manejo clínico

O tratamento da Doença Renal Crônica (DRC) em felinos é reconhecido como um dos maiores desafios da medicina veterinária de pequenos animais, tendo em vista a natureza irreversível da enfermidade e a necessidade de adotar medidas que priorizem a manutenção da qualidade de vida. As estratégias terapêuticas são orientadas pelo estágio clínico da doença, pelas manifestações apresentadas pelo

paciente e pelas condições do tutor em aderir ao tratamento. Assim, a prática clínica concentra-se em retardar a progressão da falência renal, controlar os sintomas decorrentes da insuficiência e prevenir complicações secundárias que comprometem a sobrevivência do animal (EVANGELISTA, 2023).

No âmbito deste trabalho, torna-se relevante destacar que o manejo da DRC é baseado em três pilares principais: dieta específica, terapias farmacológicas e medidas de suporte clínico. O manejo nutricional é amplamente reconhecido como a base do tratamento, consistindo no fornecimento de rações formuladas com baixo teor de fósforo, proteínas de alta digestibilidade e suplementação de ácidos graxos essenciais. Essa intervenção tem sido apontada como uma das mais eficazes para prolongar a vida dos felinos acometidos e reduzir complicações metabólicas associadas à doença renal (CALHAU et al., 2024). Além disso, a fluidoterapia, realizada de forma subcutânea em fases mais avançadas, é frequentemente indicada como recurso de suporte, visando combater a desidratação e manter a estabilidade hidroeletrólítica (CARVALHO; PINTO-FERREIRA, 2024).

Do ponto de vista das perspectivas teóricas, a literatura enfatiza a importância das terapias farmacológicas no manejo clínico da DRC. Entre as opções terapêuticas destacam-se os inibidores da enzima conversora de angiotensina (IECA), indicados para redução da proteinúria, e os anti-hipertensivos, como a amlodipina, fundamentais no controle da pressão arterial elevada, condição frequentemente associada à progressão da doença renal. Também são discutidos agentes quelantes de fósforo e suplementos vitamínicos, como o complexo B, utilizados como suporte metabólico e para minimizar complicações sistêmicas. Essas medidas refletem a complexidade do tratamento, que não se restringe a intervenções renais, mas se estende a todo o organismo, dado o caráter sistêmico da enfermidade (MAZUTTI; FERREIRA, 2021).

Apesar dos avanços no manejo clínico, há divergências na literatura sobre a eficácia e o momento adequado para introdução de determinadas intervenções. Evangelista (2023) aponta que a combinação de dieta específica e fluidoterapia representa a medida mais consistente e com resultados comprovados em diferentes estudos. Em contrapartida, Kumm e Clemente (2024) defendem que, embora antioxidantes e agentes antiproteinúricos apresentem potencial promissor, ainda não existem evidências clínicas suficientes que sustentem sua adoção universal como terapias de primeira escolha. Essa divergência evidencia a carência de pesquisas

experimentais comparativas que possam estabelecer consensos sobre protocolos terapêuticos.

As críticas relacionadas às estratégias de tratamento ressaltam tanto limitações científicas quanto dificuldades práticas de implementação. Valente e Guerra (2024) destacam que a adesão do tutor é um dos fatores mais decisivos para o sucesso do manejo, mas frequentemente comprometido pelo custo elevado de dietas específicas, medicamentos e consultas periódicas. Já Carvalho e Pinto-Ferreira (2024) observam que nem todas as regiões contam com clínicas veterinárias equipadas ou profissionais capacitados para acompanhar casos complexos de DRC, o que resulta em desigualdades no acesso ao tratamento. Essas limitações apontam para a necessidade de maior investimento em políticas de medicina preventiva e na difusão de práticas acessíveis para a realidade de diferentes tutores.

Nesse contexto, observa-se que as estratégias terapêuticas e o manejo clínico da DRC em felinos estão diretamente conectados à problemática deste estudo, uma vez que refletem tanto os avanços recentes no entendimento da doença quanto as lacunas ainda existentes em relação à eficácia, à padronização e à acessibilidade das condutas. O exame crítico da literatura permite compreender que, embora existam protocolos capazes de melhorar a sobrevida dos pacientes, a complexidade da doença exige a construção de novas evidências e a consolidação de práticas mais consistentes, que integrem a teoria científica à realidade clínica e social (KUMM; CLEMENTE, 2024).

2.1.4 Prognóstico e implicações clínicas

O prognóstico da Doença Renal Crônica (DRC) em felinos é um aspecto central da prática clínica veterinária, pois determina as expectativas de sobrevida e qualidade de vida dos animais acometidos. Por tratar-se de uma enfermidade progressiva e irreversível, o prognóstico nunca será de cura, mas sim de controle e manejo dos sintomas. A avaliação prognóstica deve considerar não apenas o estágio da doença no momento do diagnóstico, mas também fatores como a presença de comorbidades, a resposta individual ao tratamento e a adesão dos tutores às recomendações clínicas (CALHAU et al., 2024).

No contexto deste trabalho, o prognóstico da DRC é abordado como uma ferramenta de comunicação entre médico veterinário e tutor, sendo essencial para orientar expectativas realistas e guiar condutas terapêuticas. Estudos apontam que, quando a doença é diagnosticada precocemente e manejada adequadamente, os gatos podem manter uma vida estável por longos períodos, ainda que com restrições alimentares e necessidade de acompanhamento clínico constante. Nesse sentido, o prognóstico não se limita a prever a sobrevivência, mas inclui também a qualidade do tempo de vida proporcionado ao animal, o que torna a comunicação transparente um elemento fundamental para o sucesso do manejo (VALENTE; GUERRA, 2024).

As perspectivas teóricas sobre prognóstico reforçam que a DRC em felinos é heterogênea em sua evolução. Alguns pacientes respondem de maneira satisfatória às intervenções, estabilizando o quadro por anos, enquanto outros apresentam progressão rápida, mesmo com tratamento adequado. Evangelista (2023) enfatiza que fatores fisiopatológicos, como o grau de fibrose renal e a presença de hipertensão arterial, desempenham papel decisivo na evolução clínica. Por outro lado, Carvalho e Pinto-Ferreira (2024) ressaltam a importância de aspectos externos, como a frequência de acompanhamento veterinário e a disponibilidade de recursos terapêuticos, que podem influenciar diretamente na evolução do paciente. Essa variabilidade reforça a necessidade de individualização no planejamento do manejo clínico.

Apesar desse entendimento, a literatura evidencia divergências quanto à forma de definir e comunicar o prognóstico. Enquanto alguns autores defendem a utilização de sistemas padronizados de estadiamento, como os propostos pela IRIS, como base principal para o prognóstico, outros argumentam que esses parâmetros, embora úteis, não contemplam todas as variáveis que influenciam a evolução clínica. Kumm e Clemente (2024) destacam que marcadores laboratoriais isolados, como creatinina e SDMA, podem não refletir integralmente a condição clínica do paciente, exigindo que sejam sempre interpretados em conjunto com o histórico e o exame físico do animal. Essa divergência demonstra que, embora os sistemas de classificação sejam fundamentais, eles não substituem a avaliação clínica global.

As críticas também se estendem à dificuldade de generalização dos prognósticos. Xavier Júnior et al. (2016) relatam um caso clínico de DRC associada à imunodeficiência viral felina e infecção urinária, no qual o prognóstico foi

substancialmente mais reservado devido às comorbidades. Esse exemplo evidencia como fatores concomitantes podem alterar drasticamente as expectativas de sobrevida e demonstram a limitação dos modelos prognósticos baseados apenas em parâmetros laboratoriais. Além disso, Mazutti e Ferreira (2021) apontam que a falta de estudos longitudinais específicos com gatos dificulta o estabelecimento de previsões mais seguras, resultando em prognósticos muitas vezes genéricos e imprecisos.

Dessa forma, a discussão sobre prognóstico e implicações clínicas conecta-se diretamente à problemática deste estudo, uma vez que reflete não apenas os avanços alcançados, mas também as incertezas e lacunas ainda existentes na prática veterinária. O exame crítico da literatura evidencia que, embora existam parâmetros que auxiliem na estimativa da evolução da doença, ainda há necessidade de integrar fatores clínicos, laboratoriais, sociais e comportamentais, a fim de tornar o prognóstico mais preciso e útil para a tomada de decisões compartilhadas entre médico veterinário e tutor (KUMM; CLEMENTE, 2024).

2.2 Metodologia

A metodologia adotada neste estudo foi delineada a partir de uma revisão bibliográfica, com caráter exploratório e descritivo, cujo objetivo consistiu em reunir, analisar e discutir a literatura existente sobre a Doença Renal Crônica (DRC) em felinos. Essa escolha se mostrou adequada, pois permitiu identificar avanços recentes relacionados ao diagnóstico, às estratégias terapêuticas e ao prognóstico da doença, bem como levantar as limitações ainda presentes nos estudos da área. Dessa forma, a pesquisa se baseou em material já publicado, possibilitando a construção de uma análise crítica fundamentada em diferentes perspectivas teóricas.

Para a realização da revisão, foram utilizadas bases de dados amplamente reconhecidas pela comunidade científica, como Google Acadêmico, SciELO e PubMed, além de bibliotecas virtuais institucionais. A busca incluiu a utilização de descritores como “Doença Renal Crônica em felinos”, “diagnóstico em gatos”, “tratamento da doença renal felina” e “prognóstico em gatos com DRC”, de modo a garantir maior abrangência e relevância dos resultados obtidos. Foram consultados

artigos científicos, teses, dissertações, livros e documentos técnicos que abordassem o tema sob diferentes enfoques, privilegiando publicações realizadas nos últimos cinco anos, mas sem descartar trabalhos clássicos que contribuíram para a fundamentação teórica.

O processo de seleção dos materiais foi conduzido de forma criteriosa, levando em consideração a pertinência com a temática, a consistência metodológica e a relevância científica das obras. Trabalhos sem embasamento científico ou que não tratassem diretamente da DRC em felinos foram excluídos da análise. Uma vez selecionados, os textos foram submetidos a fichamentos detalhados, permitindo a organização das informações em categorias relacionadas aos eixos centrais da pesquisa: fisiopatologia, diagnóstico, estratégias terapêuticas e prognóstico.

Após o levantamento e a organização do material, foi realizada a tabulação dos dados, que consistiu em agrupar informações convergentes e divergentes entre os diferentes autores. Essa etapa foi essencial para identificar consensos, contradições e lacunas de conhecimento ainda existentes na literatura. Em seguida, os dados foram analisados de forma qualitativa, priorizando-se a interpretação crítica do conteúdo, com ênfase na comparação entre diferentes estudos e na identificação das contribuições mais significativas para a prática clínica veterinária.

Por fim, os resultados obtidos foram discutidos de maneira articulada, de modo a responder aos objetivos da pesquisa. A metodologia adotada, ao privilegiar a revisão bibliográfica, possibilitou a construção de um panorama abrangente e atualizado da Doença Renal Crônica em felinos, além de fornecer subsídios para a análise crítica da literatura, destacando tanto os avanços alcançados quanto as limitações que ainda necessitam de investigação mais aprofundada.

2.3 Resultados e Discussão

O presente estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica, cuja metodologia envolveu a busca, seleção, tabulação e análise crítica de artigos científicos, dissertações, livros e documentos técnicos relacionados à Doença Renal Crônica (DRC) em felinos. Foram utilizadas bases de dados como Google Acadêmico, SciELO e PubMed, bem como bibliotecas virtuais, priorizando produções científicas publicadas nos últimos cinco anos, mas sem desconsiderar trabalhos clássicos que serviram de suporte ao entendimento da temática. A

pesquisa contemplou os principais eixos do problema investigado, fisiopatologia, diagnóstico, estratégias terapêuticas e prognóstico, com o intuito de reunir as atualizações mais relevantes sobre a doença e destacar lacunas ainda existentes na literatura.

Os resultados obtidos apontaram que a DRC em felinos se caracteriza por um processo degenerativo e inflamatório progressivo que compromete gradualmente as funções renais. Os estudos analisados indicaram que a fibrose intersticial, a necrose tubular e a hipertensão glomerular são elementos centrais na deterioração dos rins. A literatura também evidenciou que os efeitos da DRC vão além do sistema renal, configurando-se como uma síndrome sistêmica capaz de afetar o equilíbrio hidroeletrólítico, a pressão arterial, a produção hormonal e a resposta imunológica dos pacientes (EVANGELISTA, 2023; CALHAU et al., 2024).

Quadro 1 – Fisiopatologia da DRC em felinos segundo diferentes autores

Achados fisiopatológicos	Detalhes apresentados pelos autores
Fibrose intersticial	Processo de cicatrização patológica que substitui tecido renal funcional
Hipertensão glomerular	Aumento da pressão intraglomerular que acelera a perda de néfrons
Alterações metabólicas sistêmicas	Impacto sobre equilíbrio hídrico, pressão arterial e eritropoiese

Fonte: Evangelista (2023); Kumm; Clemente (2024); Calhau et al. (2024).

Os resultados referentes ao diagnóstico demonstraram avanços significativos com a incorporação de novos biomarcadores, em especial a Dimetilarginina Simétrica (SDMA), considerada mais sensível que a creatinina sérica para a detecção precoce da DRC. Contudo, os estudos apontam limitações relacionadas ao custo e à disponibilidade desse exame em diferentes contextos clínicos. Paralelamente, o estadiamento proposto pela International Renal Interest Society (IRIS) foi identificado como ferramenta essencial para a padronização do manejo clínico, ainda que sua implementação seja limitada em clínicas com menor infraestrutura. Essa dualidade reforça a importância de integrar parâmetros laboratoriais, clínicos e de imagem para alcançar diagnósticos mais consistentes (MAZUTTI; FERREIRA, 2021; CARVALHO; PINTO-FERREIRA, 2024).

Quadro 2 – Métodos diagnósticos da DRC em felinos

Método	Vantagens	Limitações
Creatinina sérica	Exame de baixo custo e ampla disponibilidade	Baixa sensibilidade em estágios iniciais
SDMA	Detecta alterações precoces na taxa de filtração glomerular	Alto custo e baixa disponibilidade
Ultrassonografia renal	Permite avaliar alterações morfológicas	Nem sempre correlaciona com perda funcional

Fonte: Calhau et al. (2024); Carvalho; Pinto-Ferreira (2024); Kumm; Clemente (2024); Mazutti; Ferreira (2021); Valente; Guerra (2024).

Em relação às condutas terapêuticas, os resultados apontaram consenso na literatura quanto à importância da dieta renal como pilar fundamental do manejo, com redução do fósforo e inclusão de proteínas de alta digestibilidade. A fluidoterapia, especialmente em estágios mais avançados, foi destacada como medida indispensável para combater a desidratação. No entanto, os estudos divergiram quanto à eficácia de fármacos antiproteinúricos, antioxidantes e agentes quelantes de fósforo. Enquanto alguns autores defendem a utilidade desses medicamentos, outros reforçam a necessidade de evidências adicionais para sua adoção rotineira. Além disso, foram identificadas barreiras relacionadas à adesão dos tutores, principalmente devido ao alto custo e à complexidade dos protocolos terapêuticos (EVANGELISTA, 2023; KUMM; CLEMENTE, 2024; VALENTE; GUERRA, 2024).

Quadro 3 – Estratégias terapêuticas na DRC felina

Estratégia terapêutica	Descrição e objetivo	Observações dos autores
Dieta renal específica	Redução de fósforo e proteínas de alta digestibilidade	Principal medida comprovadamente eficaz
Fluidoterapia subcutânea	Combate à desidratação em estágios avançados	Requer acompanhamento constante do tutor

Antiproteinúricos e antioxidantes	Uso de IECA e antioxidantes para reduzir progressão	Resultados ainda controversos na literatura
-----------------------------------	---	---

Fonte: Calhau et al. (2024); Evangelista (2023); Carvalho; Pinto-Ferreira (2024); Kumm; Clemente (2024); Valente; Guerra (2024).

Os achados relacionados ao prognóstico reforçaram que a DRC em felinos apresenta evolução variável, dependendo do estágio da doença, da resposta ao tratamento e da presença de comorbidades. Casos relatados de associação da DRC com infecções urinárias e imunodeficiência viral felina evidenciam prognóstico mais reservado, enquanto diagnósticos precoces aliados a protocolos de manejo adequados possibilitam maior sobrevida e qualidade de vida. Os autores também destacaram a importância da comunicação entre médico veterinário e tutor como fator determinante para adesão às condutas propostas e, conseqüentemente, para melhores resultados clínicos (XAVIER JÚNIOR et al., 2016; VALENTE; GUERRA, 2024).

Quadro 4 – Fatores que influenciam o prognóstico da DRC em felinos

Fatores determinantes	Impactos observados
Estágio da doença	Define intensidade do tratamento e expectativa de vida (CALHAU et al., 2024)
Comorbidades associadas	Reduzem a sobrevida e complicam o manejo clínico (XAVIER JÚNIOR et al., 2016)
Adesão do tutor	Determina sucesso terapêutico e estabilidade do quadro (VALENTE; GUERRA, 2024)

Fonte: Calhau et al. (2024); Xavier Júnior et al. (2016); Valente; Guerra (2024).

Os resultados revelam que a literatura converge na compreensão da DRC como uma enfermidade complexa, multifatorial e de impacto sistêmico, mas diverge em pontos cruciais, como o peso de determinados fatores fisiopatológicos e a eficácia de algumas terapias. Comparando os dados obtidos, observa-se que o diagnóstico precoce, embora fundamental, ainda enfrenta obstáculos de ordem técnica e econômica. Do mesmo modo, as estratégias terapêuticas, embora diversificadas, dependem diretamente da adesão do tutor, que pode ser limitada por questões financeiras. Esses aspectos reforçam a necessidade de ampliar o acesso

a recursos diagnósticos, promover protocolos terapêuticos mais acessíveis e estimular a conscientização dos tutores quanto à importância do acompanhamento contínuo. Dessa forma, a DRC em felinos deve ser compreendida como uma condição que exige integração entre conhecimento científico, prática clínica e responsabilidade compartilhada entre profissionais e tutores.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Doença Renal Crônica (DRC) em felinos revelou-se, ao longo deste estudo, como uma das enfermidades mais relevantes da clínica de pequenos animais, em razão de sua alta incidência, evolução progressiva e ausência de cura. A revisão bibliográfica permitiu identificar e discutir os principais avanços relacionados ao diagnóstico, tratamento e prognóstico, destacando a importância da atualização constante sobre o tema para que médicos veterinários possam adotar condutas mais eficazes e adequadas. A investigação demonstrou que a DRC não deve ser entendida apenas como uma patologia restrita ao sistema renal, mas como uma condição sistêmica, capaz de impactar diferentes funções orgânicas e comprometer diretamente a qualidade de vida dos pacientes.

Os achados possibilitaram compreender que o diagnóstico precoce ainda representa um dos maiores desafios da prática veterinária, considerando que sinais clínicos iniciais são pouco específicos e frequentemente confundidos com alterações naturais do envelhecimento. A utilização de biomarcadores mais sensíveis, como a SDMA, mostrou-se promissora para superar parte dessas limitações, embora sua disponibilidade e custo ainda sejam barreiras significativas. O estadiamento proposto pela IRIS destacou-se como ferramenta de grande relevância, permitindo organizar as condutas clínicas e orientar o prognóstico de forma padronizada, ainda que sua aplicação integral dependa de estrutura adequada e capacitação profissional.

Em relação às estratégias terapêuticas, os resultados apontaram consenso sobre a importância das dietas específicas e da fluidoterapia como pilares no manejo da doença, mas divergências permaneceram quanto ao uso de antiproteinúricos, antioxidantes e agentes quelantes. Enquanto alguns autores ressaltam a eficácia dessas medidas em determinados contextos clínicos, outros chamam atenção para a ausência de evidências robustas que sustentem seu uso

rotineiro. Além disso, observou-se que a adesão dos tutores desempenha papel decisivo para o sucesso terapêutico, sendo influenciada por fatores emocionais e, principalmente, pelo custo elevado das condutas recomendadas.

No que se refere ao prognóstico, a análise indicou que sua determinação depende de variáveis multifatoriais, entre elas o estágio em que a doença é diagnosticada, a presença de comorbidades e a resposta individual ao tratamento. Casos descritos na literatura reforçaram a complexidade do manejo, principalmente quando a DRC é acompanhada por outras enfermidades, o que reduz significativamente as chances de estabilização do quadro clínico. Por outro lado, diagnósticos precoces, aliados a condutas clínicas adequadas e à adesão do tutor, podem garantir maior sobrevida e melhor qualidade de vida aos animais.

Considerando a hipótese inicial de que os avanços científicos e tecnológicos possibilitariam diagnósticos mais precoces, tratamentos mais eficazes e prognósticos mais realistas, pode-se afirmar que ela foi confirmada parcialmente. Embora novas ferramentas diagnósticas e condutas terapêuticas tenham se mostrado promissoras, sua aplicação ainda enfrenta limitações práticas, como altos custos, falta de acesso em clínicas de menor porte e ausência de consenso entre especialistas.

A pesquisa reconhece, portanto, algumas limitações, principalmente relacionadas à escassez de estudos longitudinais específicos sobre a DRC em felinos e à necessidade de mais ensaios clínicos que validem de forma consistente as terapias emergentes. Outro ponto limitador foi a predominância de estudos internacionais e revisões bibliográficas, que nem sempre refletem a realidade clínica de todas as regiões brasileiras.

Diante disso, conclui-se que a DRC em felinos permanece como um desafio clínico e científico, exigindo esforços contínuos para ampliar a detecção precoce, consolidar protocolos terapêuticos baseados em evidências e promover estratégias de comunicação eficazes entre profissionais e tutores. O objetivo geral desta pesquisa foi alcançado, na medida em que reuniu, analisou criticamente e discutiu as atualizações mais recentes sobre diagnóstico, tratamento e prognóstico, contribuindo para a ampliação do conhecimento na área. Por fim, destaca-se que o enfrentamento dessa enfermidade dependerá da integração entre avanços científicos, práticas clínicas acessíveis e conscientização dos tutores, de modo a

garantir que os animais acometidos possam ter sua sobrevida prolongada com dignidade e qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

CALHAU, D. S. et al. Doença renal crônica em gatos. **PubVet**, v. 18, n. 2, e1551, fev. 2024. DOI: 10.31533/pubvet.v18n02e1551.

CALHAU, D. S.; SANTOS, D. Doença renal crônica em gatos. **PubVet**, v. 18, n. 2, fev. 2024. Disponível em: <https://www.pubvet.com.br>. Acesso em: 8 set. 2025.

CARVALHO, Laís Mendes; PINTO-FERREIRA, Fernanda. Doença renal crônica em felinos – revisão de literatura. **Revista Terra & Cultura**, v. 40, n. 77, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unifil.br>. Acesso em: 8 set. 2025.

EVANGELISTA, F. C. G. **Principais características fisiopatológicas e tratamentos em felinos com doença renal crônica: uma revisão**. 2023.

EVANGELISTA, Fernanda Cristina Gontijo. Principais características fisiopatológicas e tratamentos em felinos com doença renal crônica: uma revisão. **Ensaios e Ciências**, v. 27, n. 2, p. 213–221, 2023. DOI: <https://doi.org/10.17921/1415-6938.2023v27n2p213-221>.

KUMM, L. K.; CLEMENTE, M. A. Doença renal crônica em felinos: revisão de literatura. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 12, p. 1733–1748, dez. 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i12.17526.

KUMM, Leonice Karnopp; CLEMENTE, Mateus Aparecido. Doença renal crônica em felinos: revisão de literatura. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE**, São Paulo, v. 10, n. 12, p. 1733–1748, dez. 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br>. Acesso em: 8 set. 2025.

MAZUTTI, Monique Luiza da Cunha; FERREIRA, Ana Bianca Gusso. Doença renal crônica em gatos: a importância dos estadiamentos e do diagnóstico precoce: revisão de literatura. **Arquivos Brasileiros de Medicina Veterinária FAG**, v. 4, n. 1, p. 155–174, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://themaetscientia.fag.edu.br>. Acesso em: 8 set. 2025.

VALENTE, J.; GUERRA, I. Doença renal crônica felina: diagnóstico precoce e comunicação são a chave do sucesso. **Veterinária Atual**, 15 abr. 2024.

XAVIER JÚNIOR, Francisco Antônio Félix et al. Diagnóstico clínico-terapêutico de um gato com Doença Renal Crônica positivo para Imunodeficiência Viral e infecção urinária. **Revista Ciência Animal**, v. 26, n. 2, 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br>. Acesso em: 8 set. 2025.